

Remoto Stockler 10. Dez. 04 Folha Imagem FOLHA



Paulo Okamoto foi indicado por Lula para comandar o Sebrae

PT NO PODER Paulo Okamoto, ex-sindicalista, pede mais atenção aos pequenos negócios

Amigo de Lula assume o Sebrae e critica o governo

BRUNO LIMA

FREE LANCE PARA A FOLHA

Amigo do presidente Lula e indicado por ele para ocupar a presidência do Sebrae Nacional (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) a partir de janeiro, Paulo Okamoto, 48, diz que o governo pouco fez em bene-

fício das pequenas companhias.

Para ele, Lula avançou na questão da pré-empresa, beneficiando o empreendedor individual que fatura até R\$ 3.000 mensais. "Para o médio e o pequeno empresário, é preciso fazer ainda", afirma.

Ex-presidente do PT-SP e ex-diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo,

ele coordenou a parte de logística da campanha vitoriosa de Lula à Presidência, cuidando dos gastos com material de propaganda.

Há dois anos, em acordo entre o PT e o PSDB, chegou à diretoria de administração e finanças do Sebrae, em chapa encabeçada por Silvano Gianni, segundo homem da Casa Civil no governo FHC.

Eleito para suceder Gianni em um cargo que dá direito a rendimentos de cerca de R\$ 20 mil mensais —mais do que o dobro do que ganha o presidente da República—, ele diz que sua amizade com Lula representa "uma overdose de possibilidades" para os micro e pequenos negócios.

Leia trechos da entrevista.

★

Folha - Quais são os desafios da nova gestão do Sebrae?

Paulo Okamoto - Criamos um conjunto de propostas para os empreendimentos coletivos e agora vamos aprofundar na orientação e no atendimento aos empresários e construir mais ferramentas para melhorar o acesso ao mercado. O desafio é consolidar o trabalho, que inclui a Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas, que precisa ser aprovada.

Folha - O atual presidente do Sebrae, Silvano Gianni, é ligado ao PSDB, e o senhor fala em consolidação. É uma gestão de continuidade?

Okamoto - Sim, fui diretor do Sebrae, a idéia é continuar.

Folha - Não há nada para mudar?

Okamoto - Não vejo sentido em mudar nada. É claro que cada um tem um estilo, mas as prioridades são as mesmas.

Folha - Qual é o estilo Okamoto?

Okamoto - É mais informal, vamos chamar assim. Sou mais direto e também mais ansioso.

Folha - O maior obstáculo no caminho do Sebrae é justamente a informalidade das empresas. O que fará com relação a isso?

Okamoto - O Sebrae apóia o projeto da pré-empresa, mas ele é, na verdade, um pré-projeto da lei geral. A pré-empresa abre a discussão de princípios importantes, como o de que as empresas menores precisam ter um tratamento diferenciado para se tornar mais capazes e mais fortes.

Folha - Gianni diz que o governo encampou o projeto da pré-empresa, mas que a proposta da lei geral não teve a mesma acolhida.

Okamoto - Não é isso. É que a lei geral trata de muito mais coisas, mexe com muitos interesses. Todo mundo reclama da carga tributária, mas, do outro lado, tem prefeito desesperado porque tem de fechar a conta. A lei [geral] beneficiará 99% das empresas. É uma mudança muito grande, que não será feita a toque de caixa.

Folha - O Sebrae apresentou uma proposta de lei. No Congresso, houve 400 assinaturas de apoio. Que manifestações há no governo?

Okamoto - A lei está em exame de pareceres nos ministérios. Todo mundo é a favor dos princípios que levantamos, mas, ao discutir item por item, você vê que há pontos que não terão tanto apoio.

Folha - O governo Lula vai bem?

Okamoto - Tem tido dificuldades, mas fez coisas interessantes para preparar o país. O que o governo precisa é discutir mais os pequenos negócios, tratar as reivindicações, as ansiedades e as frustrações desses empresários. O microcrédito é uma coisa boa, mas não atende a esses setores, cai na mesma fatia da pré-empresa. Para o médio e o pequeno empresário, é preciso fazer ainda. Não é só diminuir a carga tributária mas desburocratizar a atividade. No Brasil, as coisas são amarradas, é cansativo ser empresário.

Folha - Sua eleição no Sebrae foi um processo de consenso?

Okamoto - Sim, e não foi um consenso falso e imposto.

Folha - Mas o que pesou foi seu histórico com o presidente Lula.

Okamoto - É claro que é sempre bom ter acesso ao presidente, mas a instituição já é muito respeitada.

Folha - O diálogo com o governo pode melhorar?

Okamoto - O Sebrae não tem problema de acesso. O que vai haver agora é uma overdose de possibilidades. Como sou amigo do presidente, vou encontrar mais com ele, vou falar mais das nossas pautas, ele vai falar mais das micro e das pequenas empresas. E é isso.

Folha - O senhor tem uma relação muito pessoal com o presidente?

Okamoto - Sou amigo de longa data, isso acaba facilitando. Mas isso não é o diferencial e não é a coisa mais importante.



banespa
Santander Banespa

PANORÂMICA

VIZINHO EM CRISE

Argentina prepara plano para dívida com o FMI

A Argentina prepara um plano para saldar sua dívida com o FMI, de US\$ 14 bilhões, segundo afirmou o chefe de gabinete do presidente Néstor Kirchner, Alberto Fernández, ao jornal "Clarín". Fernández e a senadora Cristina Kirchner, mulher do presidente, viajaram à Espanha para apresentar a idéia ao rei Juan Carlos e ao primeiro-ministro, José Luis Zapatero, em busca de apoio no diálogo com o diretor-gerente do Fundo, o espanhol Rodrigo Rato. O acordo do país com o FMI está suspenso até que ele deixe a moratória.

EMPRESAS

USP entrega prêmio de comunicação corporativa

Será entregue hoje o 1º Prêmio USP de Comunicação Corporativa, uma realização da ECA (Escola de Comunicações e Artes). Ele substitui o Prêmio Comunicação de Valor. Na categoria Campanha concorrem: AmBev, Vale do Rio Doce, Ford, Gerdau e Votorantim; na Profissional, concorrem Afonso Champi, da CSN, Bertrando Molinari, do BankBoston, João Rodarte, da Companhia de Notícias, Marco Antônio Lage, consultor, e Rodolfo Guttilla, da Natura. A entrega será às 20h no Sesc Pinheiros (rua Paes Leme, 195).

Projeto é o mesmo, vê atual presidente

FREE LANCE PARA A FOLHA

Para o atual presidente do Sebrae, Silvano Gianni, 59, secretário-executivo da Casa Civil no governo FHC, não há diferenças entre os projetos do PT e os do PSDB para as micro e pequenas firmas.

"Conheço profundamente a ideologia do PSDB e conheci por dois anos a do PT. Não há divergências quanto às questões de pequenas empresas. Todo mundo entende que a pequena empresa é a grande geradora de empregos e precisa de formalização", diz. Como Paulo Okamoto, presidente eleito do órgão, Gianni também diz acreditar que o comando petista representa uma continuidade de sua gestão no Sebrae.

Gianni lembra que foi um acordo político entre os dois partidos que possibilitou sua ida para o Sebrae em dezembro de 2002, após a vitória do PT. "Fizemos uma composição no final do governo Fernando Henrique, durante o processo de transição, que era coordenado na Casa Civil pelo Pedro Parente e por mim, como seu vice [secretário-executivo]. Ninguém fez nada à revelia, foi um acordo com o presidente Lula."

Para Gianni, a experiência de convívio das duas legendas na administração da entidade, embora "bem-sucedida", não deve ser repetida. "A eleição do Sebrae acontece na hora errada: depois da eleição [do presidente], mas antes da posse. As regras precisam ser

melhoradas para que a eleição ocorra após a posse. Seria melhor para o sistema", argumenta.

Okamoto, novo comandante de um orçamento que no ano que vem alcançará a cifra de R\$ 1,671 bilhão, refere-se à gestão de Gianni como uma etapa de transição para a administração petista. "[Gianni] ficou apaixonado pelo Sebrae, como todos nós, mas ele sabia que iria participar só de um processo sucessório", disse.

A cada dois anos, o Conselho Deliberativo Nacional do Sebrae, composto por 13 instituições (pele menos oito delas bastante influenciadas pelo governo), elege nova diretoria. Em 2005, dos três atuais diretores sai somente Gianni, o único ligado ao PSDB. (R1)